



**PELA ORDEM, PELO MEDO E PELA FAMÍLIA:
uma análise semiótica dos discursos militaristas atuais e da década de 60**

Lavínia Matos dos Anjos
Marina Medrado Correia

RESUMO

Este trabalho analisará o discurso do atual presidente do Brasil, Michel Temer, em seu anúncio oficial da intervenção federal no Rio de Janeiro, adotando como objeto comparativo o editorial “Ressurge a democracia!” do jornal O Globo, publicado um dia após o golpe militar de 64. Aborda-se a natureza semiótica da temporalidade para demonstrar como representações da história recente se cruzam com significações atribuídas à ditadura militar, reforçadas por um imaginário liberal de ordem popular. A fim de ilustrar como esse imaginário se revela, analisaremos também dizeres empregados durante manifestações civis de ambos os períodos que atuaram como sustentáculo dessas medidas.

Palavras-chave: intervenção militar; golpe de 64; apoio civil; manifestações; liberalismo

1. Introdução

O presente trabalho analisa, partindo da semiótica, o discurso empregado pelo atual presidente do Brasil, Michel Temer, em seu anúncio oficial da intervenção federal no Rio de Janeiro, comandada por militares, em uma tentativa de diminuição da violência no estado. O presidente compara o crime organizado presente no Rio de Janeiro a uma metástase que se espalha por todo o país e ameaça a tranquilidade do povo brasileiro e que, diante dessa situação, o governo federal toma uma medida “extrema” de intervir nas áreas de segurança do estado para restabelecer, por fim, a ordem.



A utilização das Forças Armadas como solução para um problema eminentemente social e político não é novidade na história do país. Um pequeno regresso para a década de 60 e encontraremos o mesmo sentimento de resgate da disciplina e restauração da ordem diante de uma “ameaça” que pairava sobre o Brasil. Como sobreposição e objeto comparativo, utilizaremos também o editorial “Ressurge a democracia!” do jornal O Globo, publicado um dia após o golpe militar de 64. O texto representa um imaginário liberal que celebra a tomada de poder por parte dos militares para conter o comunismo, traçado como o inimigo nacional que colocava em risco a ordem capitalista e a segurança do país.

Conjuntamente, analisa-se duas imagens. A primeira é uma fotografia tirada durante uma das Marchas da Família com Deus pela Liberdade em 1964; a segunda, de uma fotografia tirada durante as manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015. Em ambas, há o registro de manifestantes usando de dizeres semelhantes. Tais fotografias são exploradas com o intuito de ilustrar as similaridades discursivas também presentes na esfera civil, e não só estatal, traçando um paralelo entre a atualidade e a década de 60.

2. A aspectualização temporal no discurso do presidente Michel Temer

O objetivo geral do discurso feito pelo presidente é transmitir a ideia de rompimento com uma situação de caos e calamidade que se espalha pelo estado do Rio de Janeiro e ameaça a tranquilidade do povo. O texto se estrutura em torno de uma tomada de atitude por parte do governo federal para acabar com a desordem e violência, a medida central está no poder dado aos militares dentro da intervenção, os mesmos teriam controle sobre as ruas, avenidas e comunidades cariocas, com o intuito de demonstrar uma severa mudança na realidade daquele estado.

O início do trecho do discurso selecionado (ANEXO I) pontua a construção da intervenção, no pretérito perfeito, deixando claro o caráter de urgência das atitudes tomadas pelo governo e que, logo após esse anúncio, essas medidas já seriam



colocadas em prática. Nas passagens abaixo, podemos observar a escolha dos verbos utilizados para conferir ao discurso o aspecto incoativo, o começo do fim de tudo aquilo que, segundo ele, ameaça a tranquilidade e a manutenção da ordem:

- (1) A intervenção *foi construída* em diálogo com o governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, *nomeei* interventor o comandante militar do leste, General Walter Souza Braga Neto, que terá poderes para restaurar a tranquilidade do povo.
- (2) *Começamos* uma batalha cujo caminho é o sucesso. E *contamos* com todos os homens e mulheres de bem ao nosso lado, apoiando, sendo vigilantes e parceiros nessa luta. Já *resgatamos* o progresso e *retiramos* o país da pior recessão de nossa história.

É importante ressaltar a necessidade do governo federal em credibilizar o seu discurso: em (2), apresenta-se as conquistas já realizadas em seu governo, relativas à recuperação da economia nacional diante de uma recessão. Nota-se aqui o aspecto discursivo da continuidade, da manutenção de uma mudança que exige atitudes constantes para o estabelecimento do prestígio político do governo. De acordo com esse trecho, o rompimento com a causa da situação de calamidade (não citadas no texto mas que, provavelmente, seria o governo anterior) já foi feito, a “batalha” contra o crime organizado e contra as quadrilhas do Rio de Janeiro seria somente uma etapa desse processo.

Esse discurso está inserido numa situação atual de crise política, as atitudes de um governo não-eleito diretamente são constantemente questionadas, o que torna a escolha lexical do discurso um pouco mais interessante. A palavra *progresso* é um exemplo de uma colocação de aspecto incoativo mas também durativo, o efeito de sentido está no fato do resgate desse progresso já ter sido feito, porém a carga semântica dessa palavra denota que ele continue acontecendo. As escolhas lexicais destacadas abaixo também revelam a ideia da manutenção e continuidade do rompimento do governo com a situação atual de desordem:

- (3) A *desordem* é a pior das guerras.



(4) É hora de restabelecer a *ordem*.

Por ser veiculado em vídeo, a utilização de frases curtas de efeito em (3) e (4) são exemplos de um destaque importante da análise, resultado do ponto de vista do observador: o andamento acelerado. O discurso do presidente Temer foi todo construído como um remendo de frases curtas mas de grande impacto, o que fez com que esse discurso de andamento acelerado se aspectualize através da enunciação. Sob a ótica do observador, essa aceleração pode gerar o efeito de urgência da concretização das medidas estabelecidas pelo governo federal, mesmo que a utilização do futuro como tempo verbal definitivo poderia causar o efeito de adiamento dessas ações, já que, uma vez anunciada, a intervenção demoraria um certo tempo para gerar resultados, o que contraria a ideia que o governo quer passar.

3. A aspectualização temporal no editorial “Ressurge a democracia!”

O editorial “Ressurge a democracia!” (ANEXO II), do jornal O Globo, publicado um dia após o golpe militar de 64, dá-se como um exemplo significativo do discurso reacionário que se fazia comum naquele período. O posicionamento do veículo ilustra o modo como o medo foi instrumentalizado a fim de favorecer uma série de medidas fascistas que, naquele momento, eram legitimadas pela legalidade. Nesse sentido, os discursos midiáticos e civis mostram-se primordiais para a sustentação desse regime ditatorial. Calcado na noção de desordem e perigo, o editorial traz à luz a noção de unidade estabelecida pela concepção de Nação, bem como o estabelecimento de um inimigo comum – comunismo – que, sendo um risco ao coletivo, pode ser aniquilado sob quaisquer circunstâncias, sendo inclusive vistas como heróicas.

Além dessas concepções percebidas a um primeiro olhar, existem outros aspectos que são fundamentais para a produção de sentido do texto, por exemplo, a questão da temporalidade. Para que se compreenda como a temporalidade é relevante nessa produção, lança-se mão do conceito de *debreagem* temporal, trabalhado por Fiorin (2007), a fim de apontar o modo como a instalação do tempo da enunciação no



enunciado é dada. Para isso, parte-se da noção, segundo o autor, de debreagem como a operação em que a instância de enunciação se desprende de si e projeta para fora de si, na discursivização, certos termos relacionados a sua estrutura e à constituição de elementos fundadores do enunciado, ou seja, a pessoa, o espaço e o tempo – elemento de destaque nesse trabalho.

A partir dessas noções, entende-se que o momento da enunciação é dado como um *tempo zero*, ainda que seja apenas uma projeção do tempo. Nessa perspectiva, o editorial instaura-se no presente (*Ressurge a democracia!/Vive a Nação dias gloriosos*) e, a partir disso, aplica-se noções de *não concomitância* de acontecimentos, como se estes já tivessem sido superados (*o Brasil livrou-se do Governo irresponsável*). Essa escolha é primordial para que se estabeleça o sentido de mal superado, de vitória de um governo eficaz, do sucesso da disciplina sobre a desordem, uma vez que o pretérito perfeito é colocado como uma ação terminada.

Além disso, estabelece-se um tempo futuro, esfera de promessas e possibilidades, (*Agora, o Congresso dará o remédio constitucional à situação existente*), aplicando-se também a noção de *não concomitância*, mas tendo como base a posterioridade. A partir do uso do futuro do presente, explicita-se que ainda há medidas a serem tomadas e objetivos a serem alcançados, o que constitui uma espécie de projeção de uma nova forma de governar, alimentada pela esperança de superação do inimigo comum e do restabelecimento da ordem outrora existente no imaginário social.

Em paralelo, visando retratar as semelhanças entre os discursos comuns durante a década de 60 e a atualidade, lança-se mão de duas fotografias (ANEXO III e ANEXO IV) tiradas em manifestações civis de cunho liberal, sendo a primeira datada de 1964 e a segunda datada de 2015. Em tais fotografias, nota-se manifestantes carregando faixas com os seguintes dizeres “O Brasil não será uma nova Cuba”, o que realça, mais uma vez, como a ameaça ao coletivo é representada por ideais socialistas ou comunistas, ao passo que esse perigo é dado sempre como algo que ainda não se realizou completamente, sempre como porvir. Nesse contexto, o uso do futuro do presente é fundamental para a construção da mensagem, em que se percebe o desenvolvimento



de uma temporalidade mnésica (MATTE, 2002), uma vez que se trata de um futuro não determinado cronologicamente.

4. Considerações finais

Tendo em vista que o sentido se constitui dialeticamente (FIORIN, 2012), procuramos apreender a historicidade dos textos analisados sob o princípio da forma, ou seja, a historicidade inerente à linguagem, a partir das relações discursivas entre eles, pontuando as particularidades referentes à aspectualização temporal da enunciação.

A partir disso, entendemos que uma análise mais profunda da forma é fundamental para que se apreendam os mecanismos utilizados para a produção de sentido, em especial quando se aplica essa forma de análise contemporaneamente, usando de tal historicidade para fins de compreensão do tempo presente e dos discursos que perpassam nosso contexto sociopolítico.

Referências bibliográficas

- FIORIN, José Luiz. **Enunciação e semiótica**. In: revista Letras n.o 33. PPGL/UFMS, 2007.
- FIORIN, José Luiz. **Semiótica e História**. In: ANAIS – Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC – I STIS. Nov/2012.
- MATTE, Ana Cristina Fricke. **Tempo Fonoestilístico e Semissimbólico**. GEL, 2002.
- SILVA, Odair José Moreira da. **O observador no desenrolar do processo: a aspectualização qualitativa do tempo no discurso cinematográfico**. In: Revista Alfa, São Paulo, vol. 53 (n.o 2): pp. 557-573, 2009.